

AS GURIAS: EXERCÍCIO ETNOGRÁFICO REALIZADO COM MULHERES IDOSAS PRATICANTES DE HIDROGINÁSTICA

Patrícia Augusta Pospichil Chaves Locatelli¹
Neusa Rolita Cavedon²

Resumo: O presente artigo objetiva adentrar o universo dos idosos, apresentando a percepção de um grupo de mulheres que praticam hidroginástica a respeito de temas como a relação com o corpo, as relações sociais e a interação com os espaços organizacionais. Para o desenvolvimento deste exercício etnográfico foram observados os postulados de Malinowski (1984) e Silva (2000). O campo escolhido para a observação participante foi a Escola de Natação Água Viva, localizada na cidade de Gravataí, no estado do Rio Grande do Sul, onde pessoas de várias idades praticam natação e hidroginástica. Com a finalidade de compreender os achados de campo, referências sobre envelhecimento das áreas de psicologia e educação foram adotadas. Com este estudo foi possível identificar que este grupo de mulheres tem um perfil ativo e busca aproveitar a vida da maneira mais prazerosa possível. Elas procuram nas relações sociais, principalmente com os mais jovens, a energia almejada, independente dos estereótipos que lhes são atribuídos em função da idade.

Palavras-chave: Envelhecimento; Mulheres idosas; Exercício etnográfico.

Abstract: This article aims to enter the world of the elderly, presenting the perception of a group of women who practice water aerobics on themes like the relationship with the body, social relations and interaction with organizational spaces. To develop this ethnographic exercise, were observed the Malinowski's postulates (1984) and Silva (2000). The chosen field for the participant observation was the Escola de Natação Água Viva, located in the town of Gravataí, the state of Rio Grande do Sul, where people of all ages practice swimming and water aerobics. In order to understand the field findings, references to aging fields of psychology and education were adopted. With this study was observed that this group of women have an active profile and seeks to make life as pleasant as possible. They seek social relationships, especially with the younger, the desired power, regardless of the stereotypes that are attributed according to age.

Keywords: Aging; Elderly women; Ethnographic exercise

1 INTRODUÇÃO

As mudanças no perfil etário da população mundial são notórias, de acordo com dados divulgados pela Organização Mundial de Saúde³ a expectativa de vida aumenta a cada ano. No Brasil a situação não é diferente, uma vez que o país encontra-se no grupo dos dez países com maior índice de idosos. A população brasileira está envelhecendo e de acordo com Irigaray (2004) isso vem ocorrendo rapidamente. Esta realidade seria, para a autora, resultado da combinação dos seguintes fatores: redução da taxa de natalidade, redução da mortalidade de pessoas idosas e aumento da expectativa de vida. Já para Freitas (2006), o envelhecimento de uma população é resultado da ocorrência de duas situações: o aumento da proporção de idosos e a redução do número de jovens. Os dados apresentados a seguir revelam a fase de transição na qual o país se encontra:

O aumento significativo do número de pessoas com 60 anos ou mais retrata uma nova realidade. O Brasil deixou de ser um país tipicamente "jovem" [...] e passou a ser um país "adulto". [...] No período de 1950 a 1999, enquanto o percentual de jovens diminuiu de 42% para 29,4%, o percentual de idosos (acima de 60 anos) mais que dobrou, passou de 4% para 9%. (IRIGARAY, 2004, p. 55).

De acordo com dados divulgados pelo IBGE, referentes ao Censo 2010, o crescimento da população brasileira no período foi de 12,3% inferior ao observado na década anterior (15,6% entre 1991 e 2000). Em dez anos, a taxa de crescimento da população brasileira foi de 1,17% (IBGE, 2010).

Apesar do significativo aumento do número de idosos, uma das maiores dificuldades do envelhecimento reside nos estereótipos associados à idade que julga que o idoso deixa de ser produtivo e capaz. A maioria dos indivíduos associa esta fase da vida à inatividade, à improdutividade, à incapacidade, chegando a considerar o idoso como um fardo para suas famílias (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010).

Reforçando essa ideia, Couto, Castro e Matos (2004) afirmam que ao se deparar com o envelhecimento, o pensamento das pessoas já está contaminado por distorções cognitivas e estereótipos negativos. Segundo os autores, por se basearem em concepções preconceituosas e por negarem a individualidade, os estereótipos normalmente são aprendidos de forma distorcida. Para Weeks (apud COUTO; CASTRO; MATOS, 2004, p. 42):

[...] as pessoas mais jovens tendem a superestimar de forma irreal a frequência e a extensão de problemas relacionados à idade; o grau de adversidade que as pessoas mais velhas sofrem e o que eles próprios, em função destas crenças, podem esperar. Desta forma, a ideia predominante é a de que se tornar velho é algo a ser evitado.

Melo (1994) aborda a questão dos mitos e preconceitos ligados à velhice quando afirma que a sociedade de modo geral e as pessoas individualmente tem uma visão muito restrita e ideias preconcebidas a respeito do envelhecimento, como se essa fase correspondesse a um período tempestuoso e cinzento, chegando a associá-la a um castigo. Geralmente, a velhice é considerada como sinônimo de senilidade e, como declara Bosi (2003, p. 77), “a sociedade rejeita o velho”.

O indivíduo idoso, por sua vez, sentindo-se diminuído, reforça os estereótipos definidos pela classe dominante (BOSI, 2003). E esse preconceito contra o envelhecimento se fortalece na medida em que os idosos, ao tomarem conhecimento sobre as expectativas a seu respeito, deixam-se influenciar e comportam-se de maneira a confirmar tais estereótipos (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010).

A verdade é que não só assumimos a ideia de que devemos evitar o envelhecimento como, em muitos casos, adotamos uma postura paternalista em relação aos idosos. Enquanto preenchia a ficha de inscrição, reparei que ali, ao meu lado, na recepção da Escola de Natação, uma senhora idosa tentava, sem sucesso, lembrar-se da senha que registra a presença do aluno e libera a catraca de acesso aos vestiários e à piscina. Naquele momento me senti incomodada com a situação e só pude pensar que deveriam existir sistemas mais acessíveis, que não exigisse tanto dos “pobres idosos” (pobres no sentido de coitadinhos).

Mas, refletindo um pouco mais sobre a situação percebi que um grupo de idosos que saem de suas casas e vão para uma aula de hidroginástica, pular ininterruptamente durante 45 minutos dentro de uma piscina, ao som de música eletrônica, não tem nada de coitado! Muito pelo contrário! A verdade é que “na época atual, todos os dias há novas tecnologias e mudanças a serem aprendidas e incorporadas na vida diária. A informatização é um exemplo das muitas situações que exigem dos idosos novas habilidades e competências” (CASTRO, 2004, p. 57). Moscovici (apud IRIGARAY, 2004) complementa esta ideia quando afirma que a frequência de atividade mantém a pessoa em forma, produtiva, lúcida e apta a aprender por mais tempo. E mais: a permanente atualização faz-se necessária a todas as pessoas uma vez que as mudanças tecnológicas, econômicas e sociais são muito rápidas e exigem adaptação contínua a essas novas configurações de vida e de trabalho para sobrevivência, subsistência, crescimento e realização nos âmbitos pessoal e profissional.

Considerando a realidade da população brasileira, em termos de faixa etária, os estereótipos negativos enfrentados pelos idosos e o novo perfil por eles apresentado, optou-se por observar um grupo de mulheres idosas que praticam hidroginástica na Escola de Natação Água Viva, na cidade de Gravataí, no Rio Grande do Sul. As considerações a respeito da metodologia e inserção no campo e a percepção dos idosos a respeito das relações com o corpo, relações sociais e espaços organizacionais serão apresentados neste artigo.

2 METODOLOGIA E INSERÇÃO NO CAMPO

Por se tratar de um exercício etnográfico, resultado da disciplina *Antropologia na Administração* do Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola de Administração da UFRGS, utilizou-se para esse estudo uma postura que segundo Barbosa (2003, p. 100) “consiste, do ponto de vista metodológico, no processo de observar, participar e entrevistar o ‘nativo’ em suas condições reais de existência, tentando entender e mapear a completude de sua vida”.

Cabe destacar também a definição de etnografia apresentada pelos autores Ikeda, Pereira e Gil (2006, p. 2-3) que a conceituam como “uma metodologia e filosofia de pesquisa que foi desenvolvida no campo da antropologia de maneira a gerar conhecimento em relação a grupos de pessoas, inicialmente com foco em grupos exóticos e primitivos”, no caso deste artigo, o grupo de mulheres idosas que participam de aulas de hidroginástica na Água Viva.

Segundo Malinowski (1978, p. 29):

[...] há uma série de fenômenos de suma importância que de forma alguma podem ser registrados apenas com o auxílio de questionários ou documentos estatísticos, mas devem ser observados em sua plena realidade. A esses fenômenos podemos dar o nome de *imponderáveis da vida real*.

Partindo da orientação de Malinowski, convém ressaltar que este estudo não tem a pretensão de intitular-se uma etnografia, uma vez que foram realizadas sete idas a campo, no período de 19 de abril de 2010 a 31 de maio de 2010, período inferior ao indicado pelos estudiosos do método, e não foi possível acompanhar o grupo de idosas em outras atividades de seu cotidiano. Mas, a divulgação dos resultados deste exercício faz-se necessária ao se considerar as contribuições que esses achados podem apresentar e as discussões que podem suscitar.

O primeiro contato com o campo ocorreu no dia 19 de abril de 2010. Apesar de ter sido mais fácil do que imaginava que seria, o considerei um pouco frustrante. A pessoa com quem tive o primeiro contato foi a recepcionista da Escola de Natação Água Viva. Após explicar cuidadosamente que era estudante de Mestrado da UFRGS e que tinha interesse em realizar um exercício etnográfico (até tentei explicar o que era uma etnografia a partir do conhecimento que tinha sobre o método) a resposta que tive em retorno foi “*mas tu vai te matricular, né?*” (Recepcionista). Esperava que me dissesse que teria que conversar com a professora, com o supervisor e até com o proprietário, dado o caráter invasivo que pode apresentar uma pesquisa etnográfica, mas isso não aconteceu. A apresentação não seria necessária, pois não se tratava de um favor, mas sim de uma troca onde algo era dado e algo deveria obrigatoriamente ser retribuído (MAUSS, 2003). Se a Escola permitia a realização da pesquisa, naturalmente, eu teria que me matricular ou vice-versa. Nesse primeiro dia de contato, foi possível verificar as instalações, vestiário e piscina, assistir parte de uma aula e, é claro, efetuar a matrícula.

Seguindo a recomendação de Malinowski (1984), de que o etnógrafo deve deixar de lado seu material de pesquisa e se integrar ao grupo participando da atividade que estiver sendo desenvolvida, matriculei-me na aula de hidroginástica com a finalidade de incorporar-me ao grupo de idosas e poder observá-lo, na tentativa de compreender sua dinâmica. A técnica utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa foi a de observação participante que, de acordo com Silva (2000), é reivindicada como técnica por excelência da antropologia.

O segundo contato com o campo, dia 26 de abril de 2010, foi meu primeiro dia na hidroginástica. Quando entrei no vestiário a pauta da conversa era o Grêmio e a frequência com que uma das senhoras fazia exercícios. Assim que vi uma oportunidade chamei a atenção do grupo, me apresentei, disse que era estudante, que fazia uma pesquisa e que gostaria de saber se elas me aceitariam no grupo e se estavam dispostas a participar do estudo. Algumas responderam que sim, outras acenaram a cabeça positivamente, outras não saíram de trás da parede, mas me senti aceita. A professora que também estava no vestiário questionou se eu ia apenas observar ou se usaria questionários. Respondi que iria observar e que, talvez, no futuro convidasse o grupo para realizar algumas entrevistas.

O comportamento do grupo quanto à receptividade ao pesquisador é crucial para o sucesso da pesquisa etnográfica. A esse respeito Silva (2000) revela que é importante considerar, na observação participante, que o antropólogo não apenas observa, mas também é observado pelo grupo que tenta sociabilizá-lo, ensinando-lhe seus códigos de conduta e a maneira mais adequada de realizar essa participação e observação. O autor ainda complementa:

[...] costumamos pensar na observação participante basicamente como uma técnica ou um procedimento realizado pelo antropólogo para conhecer a comunidade que estuda. Entretanto, não apenas ele que procura familiarizar-se com o universo cultural do grupo no qual se insere. O grupo também mobiliza seu sistema de classificação para tornar aquele que inicialmente era um "estrangeiro" em uma "pessoa de dentro", isto é, um sujeito socialmente reconhecido (SILVA, 2000, p. 88).

As declarações de Silva (2000) sobre a maneira como o grupo reage a presença do pesquisador puderam ser confirmadas já no primeiro dia de aula, pois existem regras que devem ser seguidas para a "correta" prática da hidroginástica. Antes de entrar na piscina é obrigatório tomar uma ducha (nem que seja uma ducha simbólica já que muitas nem chegam a se molhar por completo, justificando que depois ficariam com frio) neste momento pude identificar um momento que intitulei "compartilhamento", pois devido à dificuldade de regular a temperatura do chuveiro que possui dois registros não identificados (um para água quente e outro para água fria) quem consegue a façanha de obter a temperatura ideal não o desliga até que todas tenham se molhado. O compartilhamento de chuveiros volta a acontecer após a aula, quando todas voltam para o vestiário para, desta vez, tomar um banho de verdade.

Como estava iniciando no grupo, as idosas se preocuparam em me orientar, após a aula, com algumas dicas importantes sobre a compra da vestimenta adequada. Que tamanho de maiô comprar, qual o de melhor qualidade, onde comprá-lo por um preço mais acessível e onde encontrar meias emborrachadas na sola para não escorregar no fundo da piscina. Também me ensinaram que se não quisesse molhar o cabelo deveria usar duas toucas, a de silicone por baixo e a de pano por cima. De fato essas dicas se revelaram valiosas para a continuidade da prática de hidroginástica.

Em relação aos mais variados instrumentos que podem ser utilizados na coleta de dados, Silva (2000, p. 59) dá algumas recomendações:

[...] pede-se ao etnógrafo que conviva o maior tempo possível com o grupo estudado, aprenda a sua língua ou suas palavras típicas de comunicação, registre seus costumes, hábitos e depoimentos através de um diário de campo e, se possível, por meios capazes de registrar fatos, independentemente da "interpretação pessoal" do pesquisador, como gravadores de som, máquinas fotográficas, filmadoras, etc.

Em função do local onde a pesquisa de campo foi realizada, vestiário e piscina, não foi possível utilizar equipamentos que captassem imagem e som, mas, o diário de campo foi adotado, onde as falas e acontecimentos considerados mais relevantes eram anotados para posterior análise, o que vem a corroborar com a afirmação de Silva (2000) de que embora tenhamos à disposição grande variedade de recursos tecnológicos para registro de informações, a manutenção de um diário de campo continua sendo a técnica por excelência do etnógrafo.

A entrevista com as idosas foi realizada na sétima ida a campo e foi conduzida de maneira informal, como uma conversa, sem roteiro previamente estruturado. Sobre o momento da entrevista Silva (2000, p. 50) declara que "na decisão sobre o que perguntar e como fazê-lo, atuam vários fatores como a simpatia e a confiança que os interlocutores estabelecem entre si no momento da entrevista". A questão da confiança foi fortemente identificada na pergunta de uma das entrevistadas: "*Então, tu só te matriculou por causa da pesquisa?*" (Guria nº1). Naquele momento, associei o sentimento dela à desconfiança em relação a mim, depois senti como se estivesse violando algo sagrado, brincando com coisa séria, como se estivesse banalizando o "fazer hidroginástica".

3 AS GURIAS

No Rio Grande do Sul é muito comum utilizarmos o termo "*guria*" como sinônimo da palavra "menina", ou seja, a criança ou adolescente do sexo feminino. Mas, minha ida a campo revelou que existem outros tipos de "gurias", que não são necessariamente juvenzinhas gaúchas. "Gurias" é como são chamadas as idosas do grupo de hidroginástica. O uso do termo me causou

estranhamento, em princípio, mas o comportamento delas e a maneira como encaram a vida legitimam a apropriação do termo.

O primeiro contato com o termo "Gurias" foi na primeira aula. Essa questão me intrigou tanto que registrei no diário de campo: "Também me chamou a atenção o fato de que elas (as mulheres) se intitulam, se tratam por 'gurias'." (DIÁRIO DE CAMPO, 26/04/2010).

É interessante que esta titulação não se restringe apenas ao grupo, mas também foi adotado pelos funcionários da Escola de Natação. Na terceira ida a campo, decidi que as observaria de fora da piscina e ao passar pela recepção para identificação, informei à atendente que não participaria da aula. "*Só vai conversar com as gurias, então?*" (Recepcionista, 03/05/2010). Decidi adotar o termo no diário de campo e neste artigo onde será utilizado para fazer referência às mulheres idosas observadas nas aulas de hidroginástica.

Na cultura brasileira, há um estereótipo onde a mulher, ao entrar na fase da velhice, deixa de ser mulher para ser "velha", como se fosse um ser neutro (MOTTA, 1998).

Porém, ao contrário do que afirma Loureiro (1998), de que a aceitação da velhice não é algo natural e espontâneo e que, ao ingressar nesta etapa da vida, a pessoa custa a se aceitar como sendo idosa, não identifiquei que as gurias tivessem problemas em aceitar a própria idade. Mas a verdade é que não lhes agradava serem identificadas pelos termos "velhas" ou "idosas" e muito menos serem tratadas como tal. A esse respeito, Castro (2004, p. 21) declara:

[...] observa-se que uma reação muito presente na mulher velha é a nomenclatura de *velha*. Seja por rejeição ao termo, seja por preconceito seu. As idosas do Projeto UNITI⁴ dizem que essa palavra traz um conteúdo pleno de estereótipos e preconceitos. Velho é o que não serve mais, é o descartável, é o inútil, é o desnecessário.

Ser velho é sinônimo de ser considerado velho pelos outros. Portanto, a velhice corresponde a um julgamento social. Desta maneira, existiria uma idade social ou uma definição social da idade, onde cada sociedade, em cada época da história, teria um conceito social diferente sobre idade (MOREIRA, 1996). Para Bosi (2003) a velhice é uma categoria social, além de ser o destino de cada indivíduo. Reforçando a ideia de Moreira (1996), a autora afirma que a velhice, ou seja, esse declínio biológico enfrentado pelo homem é vivido de forma diferente a depender de cada sociedade.

No quarto dia de observação uma questão despertou minha atenção, foi a fala de uma das gurias, talvez uma das mais velhas: "*A gente tem mais é que aproveitar a vida*" (Guria nº 2). Comecei a me questionar sobre o que aquilo significava e me dei conta do meu próprio preconceito ou desconhecimento a respeito do potencial e da disposição dos idosos (talvez gerado pela falta de contato direto com pessoas dessa faixa etária). Em minha ideia inicial eles não tinham mais o que aproveitar da vida, apenas o que remediar. Se estivessem doentes, tomariam remédio, se sentissem dores, fariam hidroginástica e assim por diante. "Não apenas essa fala me surpreendeu, pois podia

ser apenas uma opinião isolada, de alguém se achando nova e cheia de energia, mas o fato de todas terem concordado: *"Sim! Nós temos mais é que aproveitar a vida." "Isso aí."* (DIÁRIO DE CAMPO, 17/05/2010).

Sobre esse perfil de idoso que está aí, presente, vivo e disposto a aproveitar a vida, Castro (2004, p. 57) afirma que "a grande missão das pessoas idosas no século XXI é a conquista de uma vida boa, que consiste em superar as transformações próprias da idade e as dificuldades impostas pela sociedade", o que nos leva à conclusão de que as maiores dificuldades estão ligadas à sociedade e não tanto às questões físicas.

4 RELAÇÃO COM O CORPO

No que tange ao corpo dos indivíduos idosos, Castro (2004, p. 22) afirma que "pouco se lê, pouco se fala e pouco se escreve sobre o corpo do idoso. Mas muito se avalia o corpo do idoso, quanto às perdas e às limitações, visíveis e inexoráveis". "Fato significativo a ser registrado é a constatação que aponta para a dificuldade que o idoso apresenta no lidar e no manejo do próprio corpo" (CASTRO, 2004, p.29).

Em oposição a Castro (2004), verifiquei que nem todos os idosos enfrentam dificuldades no manejo com seu corpo. No dia que me apresentei ao grupo e informei que minha pesquisa consistia em observá-las, uma guria aproximou-se de mim, dizendo que tinha uma coisa que eu iria me interessar e mostrou o braço direito, roxo, atrofiado. *"Faço tudo com apenas um braço bom, e quando tenho que segurar o pé, seguro os dois com o mesmo braço"* (Guria n° 4) e mostrou como fazia dentro da água. Nesse dia, tentei não restringir minha observação apenas na guria com o braço atrofiado, o que se revelou uma tarefa difícil. De fato ela fazia tudo com apenas o "braço bom".

No dia da entrevista uma das gurias levantou e veio em minha direção fazendo força com o braço para mostrar o músculo, *"Isso aqui ó (mostrando o bíceps) é porque eu fazia musculação. Agora me diz se uma de vocês consegue fazer isso"* (Guria n° 3). Nesse momento começou uma demonstração quase de contorcionismo. A guria de 66 anos pegava no dedão do pé, se curvava pra trás, só faltou "plantar bananeira" na minha frente e das demais colegas. E eu preocupada dizia: "Tá bom, cuidado pra não se machucar." Que machucar que nada! Ela tem mais domínio do próprio corpo do que muita gente na faixa dos 20 anos.

Então, para finalizar a entrevista ela nos mostrou um exercício, segundo ela, "maravilhoso" para se fazer em casa. O exercício serviria para fortalecer o tríceps e dar adeus à "síndrome do tchau". Sim, porque segundo ela *"a gente tem uma academia em casa e nem sabe"* (Guria n° 3). Depois de toda essa demonstração ela perguntou: *"Tudo isso que eu te disse tá bom pro teu trabalho?"*. Tá ótimo, eu respondi. *"Então tá, vou tomar uma chuveirada porque tá na hora de entrar"* (Guria n° 3).

Todo o esforço empenhado em exibir o domínio sobre o próprio corpo visa exatamente desconstruir os estereótipos a elas atribuídos em função da idade. E é provável que essa mesma intenção esteja implícita nos frequentes comentários, por elas realizados, a respeito de sexo.

Couto, Castro e Matos (2004, p. 42) declaram que “é sabido que ao longo da história, as idéias mais aceitas socialmente são as de que os indivíduos perdem todo interesse sexual quando se tornam idosos ou as de que eles são ‘pervertidos’ se continuam a ter relações sexuais”. Isso porque, em nossa sociedade, a norma dominante sobre a velhice percebe os idosos, principalmente as mulheres, como seres assexuados (MOTTA, 1998).

Durante o contato com as gurias não foi possível investigar questões relacionadas à sexualidade, como a existência de parceiro ou prática sexual, mas o tema não passa despercebido nas conversas de vestiário e dentro da piscina. “Durante as aulas foram realizadas brincadeiras em tons maliciosos a respeito dos espaguete⁵ [...] Esse tipo de comentário com teor sexual ainda não tinha surgido, pelo menos não na formação do grupo das duas primeiras aulas” (DIÁRIO DE CAMPO, 10/05/2010).

Essa assexualidade da velhice não se refere apenas às relações entre homens e mulheres, mas está também ligada a qualquer manifestação de feminilidade como a vaidade, a preocupação com a beleza e a conduta jovial (MOTTA, 1998).

A esse respeito, as gurias vão de encontro à teoria, pois dentre os motivos que as levam a praticar hidroginástica está a vaidade. Em uma das conversas de vestiário registrei a declaração de uma guria que queria ter o bumbum bem “empinadinho”, mas como a “hidro” ainda ia demorar pra fazer efeito ela estava pensando em comprar uma calcinha “daquelas de enchimento”. A essa declaração veio a pronta resposta de uma colega: “*Não compra, porque não funciona!*” (Guria nº 5). Mas, apesar da forte preocupação com a vaidade, a restauração ou manutenção da saúde foi apontada por elas como o principal motivo para a prática da hidroginástica.

Nicolini (1996, p. 43) aponta os elementos que se alteram no corpo do idoso à medida que ocorre o avanço da idade:

[...] as mudanças constatadas ao longo do processo de envelhecimento dizem respeito a mudanças ou modificações cardiovasculares, respiratórias, musculares, do sistema ósseo, do neurológico, do metabólico, do sistema digestivo, do genito-urinário e, fundamentalmente, da pele.

As perdas relacionadas ao envelhecimento são normalmente identificadas como problemas de saúde, “expressas em grande parte na aparência do corpo, pelo sentimento em relação a ele e ao que lhe acontece: enrugamento, encolhimento, descolorimento dos cabelos, ‘enfeimento’, reflexos mais lentos, menos agilidade...” (MOTTA, 2002, p. 41). Mas, o autor destaca que essas perdas “são expressas muito mais pelos outros do que pelos próprios velhos” (MOTTA, 2002, p. 41). Tal afirmação pode ser confirmada pelo fato de que as gurias da hidroginástica estão mais preocupadas com o que podem fazer do que com aquilo que não podem realizar, indiferentes às opiniões dos outros.

5 RELAÇÕES SOCIAIS

O grupo que pratica hidroginástica não é composto apenas por mulheres idosas, em alguns dias identifiquei a presença de até dois homens (aparentando em torno de 50 anos) e mulheres mais jovens. A professora também é jovem, não aparenta ter mais de 25 anos. Às vezes a aula é ministrada de fora da piscina, mas normalmente a professora está dentro da água, junto com os alunos. Nessas ocasiões é possível observar que algumas gurias tentam obter dela atenção especial, fazendo comentários, perguntas ou contando alguma novidade. Como no caso da conversa registrada no diário de campo no primeiro dia de observação:

Guria nº 3: "Vê as minhas costas, se estão retas, não tá corcunda?"

Professora: "Não, tá bem direitinho."

Guria nº 3: "É que eu comprei um aparelho, um simulador de caminhada, faço todo dia antes de dormir" (DIÁRIO DE CAMPO, 26/04/2010).

Durante a aula, alguns demonstram ter mais condicionamento físico que outros, provavelmente proporcionado pela prática da atividade. Às vezes quando cansados, alguns param os exercícios, mas retomam assim que encontram o olhar da professora. Em nenhum momento os "atrasados" são corrigidos. Outros estão mais concentrados em aproveitar seu momento na piscina do que nas orientações de "vem e vai na mesma linha" da professora. Por vezes questionam seu desempenho, provavelmente esperando um elogio ou incentivo.

Quanto aos elogios, Souza (2004) os define como a ação de ressaltar as virtudes pessoais de alguém e complementa que:

[...] estudos confirmam que este *status pessoal* do idoso (relativo às suas qualidades) é relevante nos relacionamentos de amizade, principalmente depois que o status relacionado à carreira profissional (ou ao sucesso na vida em geral) diminui com a aposentadoria. (SOUZA, 2004, p. 78).

Já Shea, Thompson e Blieszner (apud Souza, 2004) acreditam que, nas amizades durante a velhice é especialmente importante os elogios mútuos sobre as qualidades do amigo, pois valoriza, eleva a autoestima de ambos e fortalece a amizade.

Irigaray (2004) apresenta a relação com o grupo como importante para o processo de aprendizagem do idoso quando afirma que é possível supor que é no relacionamento com o outro que se estabelece o suporte necessário para que as mudanças possam ocorrer, pois o convívio com outros indivíduos é um importante desencadeador desse processo. "O grupo torna-se importante pelo que ele mobiliza, tanto aspectos conscientes quanto inconscientes e, por isso, permite mudanças" (IRIGARAY, 2004, p. 62).

Uma das gurias vem de outra cidade para fazer hidroginástica na Escola, pois já praticava antes de se mudar e não quis perder o vínculo. Como na sua cidade não tem academia de hidroginástica, ela prefere se deslocar a ficar sem o exercício e a convivência com o grupo.

Para Novaes (apud SOUZA, 2004), as relações sociais são de extrema importância para a saúde física e mental do envelhecido, uma vez que “[...] o isolamento social provoca o aparecimento da angústia e da solidão, tão frequentes no idoso por terem sido cortados e afastados dos outros e definem bem sua situação de ‘estar só’ ou de ‘abandono’” (SOUZA, 2004, p.72).

Irigaray (2004) declara que uma necessidade fundamental da velhice é estar em contato com outras pessoas. Portanto, a autora acredita que devem ser valorizados os contatos sociais e o desenvolvimento de mecanismos que favoreçam a comunicação, tanto intergeracional quanto intrageracional.

No quinto dia de observação, não só o vestiário, mas, também, a piscina estava lotada. Havia no mínimo 20 mulheres, a maioria jovens e de idade mediana, as idosas eram minoria, mas isso não pareceu afetá-las de maneira negativa, pelo contrário, como dizem na Água Viva, o horário é delas (das gurias), os outros é que estavam “invadindo”. Os poucos homens que participam das aulas, desapareceram nesse dia, vi um deles “rondando” a piscina, porém, não entrou (talvez envergonhado em ser um “bendito fruto entre as mulheres”). Pela quantidade de pessoas foi difícil prestar atenção nas conversas, sim, porque até dentro da água, durante os exercícios, as gurias mantêm conversas paralelas.

Souza (2004) destaca que os idosos têm necessidade de contato social com pessoas de mesma faixa etária. Mas, conforme relatos da entrevista realizada com as gurias, elas procuram justamente o oposto. Segundo elas os jovens estão mais carinhosos. E quando entramos no assunto juventude uma delas relatou:

Eu fazia hidroginástica com os velhos lá na CEEE⁶, porque eu sou associada da ASAPEG⁷, né? Mas, eu não gostava, por isso vim pra cá. Têm mais jovens. Esses “bailão” de velho, eu também não gosto. Eu acho que velho chama velho e eu gosto da companhia dos jovens. Eu tenho 66 anos, mas aqui e aqui (indicando a cabeça e o coração) tem 40 anos. (Guria n° 3, 31/05/2010).

Várias delas afirmaram querer estar junto com os jovens porque dessa forma se sentem como eles, mais jovens, mais vivas. Segundo Souza (2004), nos grupos de atividades temáticas, formados por poucas pessoas, é possível desenvolver amizades mais próximas, isso porque, os pequenos grupos proporcionam maior aproximação aos seus integrantes, possibilitando vínculos mais fortes e duradouros.

6 ESPAÇOS ORGANIZACIONAIS: DIREITOS, VANTAGENS E EXPECTATIVAS

Na sétima ida a campo o objetivo era realizar as entrevistas com as gurias. Quando as lembrei da pesquisa que estava realizando e que gostaria de conversar um pouco com elas,

imediatamente algumas se sentaram próximas de mim, entusiasmadas com a ideia de serem entrevistadas. Outras, mais tímidas, ficaram observando à distância apesar do meu esforço em tentar introduzi-las na conversa.

Quando questionei a respeito da percepção delas sobre os espaços organizacionais que frequentam, elas começaram logo dizendo das vantagens que viam em frequentar lugares como supermercados e bancos, pois tinham fila preferencial e as pessoas estavam mais preocupadas com elas. "*Os ônibus, então! Imagina se a gente tivesse que pagar todas essas idas e vindas!*" (Guria nº 6). Outra fez menção ao hipermercado BIG que está situado em Gravataí, há duas paradas da Água Viva, onde a maioria delas é cliente. "*Até o BIG melhorou agora. Antes ninguém respeitava a fila dos idosos, era 'umas mulher' com umas crianças desse tamanho (mostrando o tamanho da criança na altura do peito), que tão fazendo o que ali? Do jeito que eles arrumaram agora ficou bem melhor*" (Guria nº 7).

Corroborando com as declarações das gurias a respeito das melhorias apresentadas pelos espaços organizacionais, Baggio e Vieira (2003) afirmam que a sociedade do consumo depende e muito dos *velhos aposentados* que deixaram de ser um peso para assumirem o papel de público-alvo. "Temos hoje um mercado especializado para atender às exigências dos velhos, e não são somente as indústrias de medicamentos e planos de saúde. [...] A sociedade é instrumento modelador da velhice, mas também é modelada pela velhice" (BAGGIO e VIEIRA, 2003, p. 16).

Contrariando a afirmação apresentada por Baggio e Vieira (2003), Irigaray (2004) declara que antigamente, no Brasil, na época em que existia menos idosos, o velho desempenhava um papel de maior poder e respeito. Segundo a autora, o cenário atual revela que, apesar deste número ter aumentado significativamente, o papel social dos idosos diminuiu, pois eles não têm suas opiniões tão ouvidas e valorizadas, o que faz com que quase desapareçam socialmente.

Mas, as gurias apresentaram opinião diferente de Irigaray (2004) quando comentaram sobre a questão do desrespeito para com os idosos. Segundo elas, isso está mudando devido às campanhas que vem sendo realizadas pelos meios de comunicação. "*Tem gente que ainda briga, mas a maioria levanta pra gente sentar no ônibus*" (Guria nº 6). Outro motivo abordado para essa conscientização é "*porque as pessoas estão vivendo mais tempo*" (Guria nº 8).

Essa conscientização apresentada pelas gurias, em suas declarações, encontra amparo nas palavras de Lacerda (1996, p. 136) que afirma que "[...] é necessário que todos os brasileiros assumam em plenitude a cidadania e que o idoso, em particular, ocupe seu lugar, convencido de que não é um cidadão de segunda classe, mas uma pessoa humana 'mais bem dotada cronologicamente'".

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em oposição aos estereótipos negativos que acompanham a velhice e das declarações de alguns autores sobre a desvalorização do idoso, Baggio e Vieira (2003) afirmam que à medida que se constitui o paradigma da *terceira idade*, o paradigma da velhice vai enfraquecendo, pois nenhuma

mudança de paradigma é desprovida de significado e funcionalidade. Segundo os autores, até então, tínhamos a infância, a adolescência, a idade adulta, mas a velhice não era considerada idade, estando mais para o fim e menos para uma idade, mas a realidade hoje é outra e os velhos passaram a ter uma *idade*.

Essa conscientização a respeito de sua idade acaba revelando um perfil de idoso diferente do que estávamos acostumados, afinal, “nas sociedades contemporâneas, os velhos deixaram de depender do cuidado dos filhos” (BAGGIO; VIEIRA, 2003, p. 16), passando a ser independentes. Sobre esse perfil Rodrigues (apud BAGGIO; VIEIRA, 2003) aponta que, está ocorrendo um rejuvenescimento dos idosos evidente no estado de saúde, na vitalidade, na forma de atuar, nas atividades desenvolvidas, nas atitudes, nos valores e na aparência física.

É importante destacar que apesar de simpatizarem com os mais jovens, de querer estar com eles como uma forma de renovar as energias, as gurias observadas neste exercício etnográfico não negam a idade que têm, pelo contrário, revelam sua idade com orgulho. Elas têm seus direitos adquiridos e deles fazem uso. Essas vantagens ou benefícios concedidos aos idosos pelas organizações são vistos como recompensa por sua contribuição à sociedade, pelo seu tempo de vida e experiência dos quais elas não “abrem mão”.

Ao final deste exercício etnográfico foi possível compreender a declaração de Silva (2000, p. 27) de que “às vezes é somente no final da pesquisa que se encontra o que se procurava. Também pode acontecer de, não encontrando o que se procura, ‘remodelar-se’ o texto, de modo a valorizar o que se encontrou”. O desenvolvimento deste exercício etnográfico revelou-se desafiador, empolgante e surpreendente, pois possibilitou conhecer esse perfil de idoso, as gurias, grupo de “velhas” alegres, cheias de vida, e por que não defini-las como *faceiras* (MOTTA, 1998), que criaram para si a consciência livre para circular em ambientes considerados de jovens e de velhos, conforme melhor lhes convém.

Considerando que, neste estudo, o campo de observação restringiu-se a Escola de Natação Água Viva, outros estudos podem ser realizados com este perfil de idosas explorando aspectos da identidade das mesmas, como os ligados aos papéis de mãe, esposa, avó, dona de casa, entre outros.

NOTAS

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: patriciaposp@gmail.com.

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: nrcavedon@ea.ufrgs.br.

³ WHO (World Health Organization). 2010. **World Health Statistics 2010**. Disponível em: <http://www.who.int/whosis/whostat/EN_WHS10_Part2.pdf>. Acesso em 30/11/2010.

⁴ A UNITI é um setor do Departamento de Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O Projeto UNITI – Universidade para a Terceira Idade, realizado durante o período de 1991 a 2004 constituiu-se, conforme Castro (2004) um projeto de extensão, ensino e pesquisa.

⁵ Tipo de bóia comprida utilizada para prática de hidroginástica.

⁶ Companhia Estadual de Energia Elétrica

⁷ Associação dos Aposentados e Pensionistas de Gravataí - RS

REFERÊNCIAS

BAGGIO, André; VIEIRA, Péricles Saremba. Terceira idade sob o paradigma da corporeidade. In: BOTH, Agostinho; BARBOSA, Márcia Helena S.; BENINCÁ, Ciomara Ribeiro S. (Orgs). **Envelhecimento Humano: múltiplos olhares**. Passo Fundo: UPF, 2003, p. 11-23.

BARBOSA, Livia. **Marketing Etnográfico: colocando a etnografia no seu devido lugar**. RAE, n.3, v.43, p.100-105, jul-set. 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CASTRO, Odair Perugini de. (Org.). Vivendo em seu Corpo: uma questão de consciência e de criatividade. In: _____. **Envelhecer – revisitando o corpo**. Sapucaia do Sul: Notadez, 2004, p. 13-30.

COUTO, Maria Clara Pinheiro de Paula; CASTRO, Odair Perugini de; MATOS, Sayonara de. A Sexualidade nos Idosos: corpo, saúde & prazer (5ª fase). In: CASTRO, Odair Perugini de. (Org.). **Envelhecer – revisitando o corpo**. Sapucaia do Sul: Notadez, 2004, p. 41-53.

FREITAS, Elizabete Viana de. Demografia e epidemiologia do envelhecimento. In: PY, Ligia; SÁ, Jeanete Liasch Martins de; PACHECO, Jaime Lisandro; GOLDMAN, Sara Nigri. (Orgs.). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. 2.ed. São Paulo: Editora Setembro, 2006, p. 15-34.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: 02/12/2010.

IRIGARAY, Tatiana Quarti. Envelhecendo e Aprendendo. In: CASTRO, Odair Perugini de. (Org.). **Envelhecer – revisitando o corpo**. Sapucaia do Sul: Notadez, 2004, p. 55-67.

IKEDA, Ana A.; PEREIRA, Beatriz de Castro Sebastião; GIL, Camila. **Etnografia em Marketing: uma discussão inicial**. READ, Ed.52, n.4, vol.12, jul-ago, 2006.

LACERDA, Maria Lúcia Luz. Direito dos idosos. In: GUIDI, Maria Laís Mousinho; MOREIRA, Maria Regina de Lemos Prazeres. (Orgs.). **Rejuvenescer a velhice**. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, p. 131-136.

LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: 1998.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril S.A. Cultural, ed. 1978, ed. 1984.

- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MELO, Orfelina Vieira. **O Idoso Cidadão**. Passo Fundo: Editora Pe. Berthier: 1994.
- MOREIRA, Myriam Levy Cardoso. Relacionamento familiar entre gerações. In: GUIDI, Maria Laís Mousinho; MOREIRA, Maria Regina de Lemos Prazeres. (Orgs.). **Rejuvenescer a velhice**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, p. 125-130.
- MOTTA, Alda Britto de. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR, Carlos E. A. (Orgs.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002, p. 37-50.
- MOTTA, Flávia de Mattos. **Velha é a Vovozinha**: identidade feminina na velhice. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.
- NICOLINI, Eduardo Olívio Ravagni. O corpo em movimento. In: GUIDI, Maria Laís Mousinho; MOREIRA, Maria Regina de Lemos Prazeres. (Orgs.). **Rejuvenescer a velhice**. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, p. 43-48.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua Magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- SOUZA, Luciana Karine de. Velho Amigo, Amigo Velho: amizade na velhice. In: CASTRO, Odair Perugini de. (Org.). **Envelhecer – revisitando o corpo**. Sapucaia do Sul: Notadez, 2004, p. 69-86.
- ZANELLI, José Carlos; SILVA, Narbal; SOARES, Dulce Helena Penna. **Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Recebido em: 17/04/2011

Aceito para publicação em: 08/11/2011